

## Trem Noturno para Lisboa

### Dialogando com Raimund, Amadeu e os Outros



*Luciana Helena Mussi*

Como a rotina é massacrante. Precisamos dela, mas, ao mesmo tempo, nos cansamos de sua insistência diária, das pequenezas impostas pelo vazio dos dias, dos horários marcados com a crueldade característica do rigor extremo. Assim é, e tudo comandado por nós.

Essa é a realidade do terror silencioso em que vive o professor de latim Raimund Gregorius (Jeremy Irons): um homem só – divorciado há cinco anos – invadido por suas questões existenciais, derrotado por um estado de “quase morte” diante da mesmice dos dias e de alunos desinteressados e enfadonhos, tendo como pano de fundo a fria e cinzenta Berna, na Suíça.

Falamos do filme “Trem Noturno para Lisboa” (2013, direção Billie August) e seu elenco repleto de estrelas que transformam a bela história do livro de Pascal Mercier<sup>1</sup> numa rica viagem em busca da vida de um “certo estranho” chamado Amadeu. Tudo começa num dia de chuva torrencial, no encontro “casual” com uma mulher de casaco vermelho (Sarah Bülmann), prestes a cometer o mais terrível dos atos.

A vida ainda parece ter algum sentido para Raimund, pelo menos a vida do outro. Numa troca de aflição mútua diante da “tentativa de fim”, a misteriosa mulher desaparece dos olhos de um professor perplexo, que acaba

---

<sup>1</sup> Paul Mercier é o pseudônimo do professor suíço de filosofia Peter Bieri. O livro foi lançado em português pela Editora Record, 2009,

constatando que nem todo seu latim poderá ajudá-lo a compreender tudo que se passou em míseros instantes.

Dela, só restou um casaco vermelho – representando um forte desejo de busca – e um livro “Um Ourives das Palavras” (A Goldsmith of Words) de autoria de Amadeu de Almeida Prado<sup>2</sup>:

*Se podemos viver apenas uma pequena parte do que há dentro de nós o que acontece com o resto?*

Inspirado pelas palavras do desconhecido Amadeu, Raimund percebe que aquela mensagem poderia significar sua própria descoberta desse “viver mais” e assim, quem sabe, encontrar esse “resto” interior, ainda cifrado e nebuloso, como Berna, sua cidade natal.



Como o acaso sempre surpreende, subitamente “escorre do vermelho” do casaco uma passagem de trem para Lisboa, como destino final. Sim, era o “Trem Noturno para Lisboa”, saindo em 15 minutos. Na esperança de encontrar Amadeu, a mulher e algumas respostas, Raimund quebra violentamente sua rotina e se lança na mais louca das aventuras: sem mala, com a roupa do corpo e seus

“obscuros” óculos enormes, ele corre até a estação de trem -um professor de latim, imerso no vazio dos dias, segue seu desejo e se rende a Lisboa.

*Vivemos aqui e agora. Tudo o que aconteceu antes ou em outros lugares é passado, em grande parte esquecido.*

A visão que Amadeu tem da vida intriga Raimund. Como viver o instante presente, se depois que acontece já se torna passado e escorre pelas mãos? Como agarrar o que foi um dia e já não é? Amadeu, talvez, tenha as respostas.

Mas a realidade de sua vida em Berna o chama: é o Diretor da Escola, Sr. Kagi. Será que isso já se tornou passado para o professor de latim?

*O que poderia...O que deveria ser feito com o tempo que temos pela frente? Em aberto e ainda sem forma, leve como o ar em sua liberdade e pesado como chumbo em sua incerteza. É um desejo, um simples e nostálgico sonho voltar a determinado ponto de nossa vida e poder tomar um rumo completamente diferente daquele que fez de nós quem somos.*

<sup>2</sup> Todas as falas de Amadeu contidas no livro serão apresentadas neste artigo com recuo e em itálico.

Quem seria Amadeu? Inquieto com o mistério, Raimund o procura por Lisboa. Uma placa na porta da casa, diz:

MÉDICO  
Dr. Amadeu de Almeida Prado  
Medicina Geral  
Consulta sob marcação  
10:00 às 12:30  
18:00 às 22:00

Esperando encontrar em Amadeu um homem ainda “vivo”, produtivo, enigmático, pouco presente, muito passado, o professor decide procurá-lo, encontrando em seu lugar a irmã, Adriana (Charlotte Rampling): - “O que ele escreve me toca profundamente”, ela diz.

Adriana fala – como se o tempo não tivesse passado – que foram impressos apenas 100 livros de Amadeu: - “Eu ainda tenho seis exemplares. Muitas vezes imaginei onde estariam os outros 94”.

Raimund responde: - “Em Berna, na Suíça”.

Adriana: - “Então o livro viajou. Ele não escreveu outros, nada que tenha sido publicado. Ele queria ser escritor, filósofo, mas decidiu ser médico. Achava que as pessoas não deveriam sofrer”.

Mas sofrem e muitas vivem suas vidas, ou o que resta delas, mergulhadas numa profunda solidão de si mesmas. Amadeu não queria a dor da alma e nem a lança que dilacera a carne.

Adriana: - “Amadeu e o pai tinham uma relação complicada”.

Raimund se lembra das palavras do médico:

*Do ponto de vista da eternidade isso certamente perde seu significado.*

Adriana: - “O nosso pai sempre dizia isso a Amadeu”.

Raimund: - “Amadeu não acredita na eternidade”.

Adriana: - “infelizmente, não”.

Sem repostas sobre “onde está Amadeu?”, Raimund sai, mas a empregada da casa avisa: - “Se quiser ver Amadeu, vá ao Cemitério dos Prazeres”.

Triste saber que alguém que procuramos, não mais está. Agora só resta a lembrança traduzida nas palavras sobre solidão, medo e arrependimentos, impressas no livro “Um Ourives das Palavras”:

*Deixamos algo de nós para trás ao deixar um lugar. Permanecemos lá, apesar de termos partido. E há coisas em nós que só reencontramos ao voltar. Viajamos ao nosso encontro quando vamos a um lugar onde vivemos parte de nossa vida por mais breve que tenha sido. Mas indo ao nosso encontro, temos de confrontar nossa solidão. E não é por isso que tudo o que fazemos se deve ao medo da solidão? Não é por isso que renunciamos às coisas das quais nos arrependemos no final de nossas vidas?*

Amadeu esquece que vivemos a solidão em todos os instantes de nossos dias? Apenas fingimos um estado de satisfação, seja para o mundo, seja para nós mesmos. Uma espécie de contentamento ilusório e uma certeza de que tudo que foi feito teve uma razão sublime e justificada. Movemos o universo para desviar de um de muitos pensamentos conflitantes: o arrependimento.

Finalmente, Raimund encontra Amadeu:

AQUI JAZ  
DR. AMADEU DE ALMEIDA PRADO  
NASCEU A 20 DE DEZEMBRO 1940  
FALECEU A 25 DE ABRIL 1974

...QUANDO A DITADURA É UM FATO  
A REVOLUÇÃO É UM DEVER...

Distraído, perturbado e profundamente tocado por “tudo” que viu, ouviu e leu, o professor é atropelado por uma bicicleta (ou seria por seus pensamentos?) e tem seus enormes e “obscuros” óculos quebrados: as lentes em pedaços. Um acontecimento que o leva a outra mulher. Obra do acaso?

Amadeu acredita nos acasos, em razões que transcendem nosso conhecimento e nos levam a viver a vida e a ideia de morte assim como são e devem ser, como necessidades da alma.

*Será basicamente uma questão de autoimagem a ideia que criamos para nós mesmos o que é preciso realizar e vivenciar para que possamos aprovar a vida que vivemos? Se for o caso pode-se descrever o medo da morte como o medo de não ser capaz de ser quem planejamos ser. Se cair sobre nós a certeza de que essa plenitude nunca será atingida subitamente, não saberemos viver o tempo que já não pode fazer parte de toda uma vida.*

A morte que espreita é aquela que também avisa e alerta o tanto que temos por viver, que pode ser pouco, muito e – para os de muita sorte ou azar -

imenso. Mas, o que importa? A qualidade do instante fala por si. Às vezes, a possibilidade do amor (qualquer que seja ele) bate a porta por diferentes caminhos.

Estranhamente, assim como o profissional Amadeu, outra médica (Martina Gedeck) surge no caminho de Raimund. Essa será “aquela” que tornará sua “visão” mais clara e luminosa.

Raimund: - “Ele fala de tudo o que me incomoda há anos” [se referindo a Amadeu].

Médica: - “Diga uma dessas frases bonitas que você leu”.

*O verdadeiro diretor da vida é o acaso, um diretor repleto de crueldade, de compaixão, de encontro fascinante.*

Médica: - “Por acaso é no sentido de destino?”.

Raimund: - “Não, acho que de sorte, de pura sorte”.

Analisando os olhos de Amadeu, a médica diz: - “São melancólicos, mas esperançosos. Cansados, mas tenazes. São contraditórios”.

Bem, ninguém mais que uma médica “dos olhos” poderia decifrar tão sabiamente as mensagens que caminham suavemente pela janela da alma.

Médica: - “Então, encontrou uma mulher de casaco vermelho que sumiu e você largou tudo?”.

Raimund: - “E depois li o livro”.

Médica: “Quem poderia largar tudo?”.

Com certeza, Raimund e os mais ousados e sofridos de todos nós. Aqueles que viveram o massacre imposto pela solidão, um tipo de névoa que impede de ver e apenas conduz ao abismo de nós mesmos. É a escuridão do sentimento.

*Os momentos decisivos da vida quando sua direção muda para sempre, nem sempre são marcados por melodramas ruidosos. Aliás, os momentos dramáticos das experiências determinantes são frequentemente muitíssimo discretos. Quando exibem seus efeitos revolucionários e garantem que a vida seja revelada em uma nova luz, isso acontece silenciosamente. E é nesse maravilhoso silêncio que está sua especial nobreza.*

Já com óculos novos, Raimund ainda estranha “tamanho leveza da vida”. Seria isso possível?



Novamente um novo acaso: a médica diz à Raimund que fez contato com seu tio, João Eça (Tom Courtenay), que conheceu a história de Amadeu. O velho foi da Resistência (a geração que viveu sob o comando de Salazar e que ainda luta para aceitar o que aconteceu) e, atualmente, vive num asilo. Um encontro especial com um mundo por dizer.

João conta que no início da Resistência a polícia foi bastante cruel: - “Até hoje as pessoas não gostam de falar sobre o assunto. Nem os agressores, nem suas vítimas”.

João: - “Não preciso ver o livro de Amadeu, imagino como seja: ‘O Sacerdote Ateu’”.

Eram Ele, Amadeu e seu melhor amigo Jorge (August Diehl).

João mostra à Raimund suas mãos deformadas, ele diz: “um presente da PIDE, a Polícia Secreta Portuguesa. O carrasco, o carniceiro de Lisboa, Rui Luís Mendez, era esse o nome dele”.

Tomado pelas lembranças, ele, um homem das artes, um pianista, viaja de volta ao seu passado, até 1973, na primavera...Ele busca “a mulher que sabe todos os nomes”.

Todo carrasco escolhe métodos impiedosos e, acima de tudo, perversos para conseguir o que quer [...] e quando “a delação” não vem, o que poderia restar para a vítima? O pior: a dor em forma pura, aquela que permanece e faz lembrar toda crueldade da destrutividade humana, do que apenas o homem é capaz de fazer.

Agora estamos no passado de João, envoltos na matéria prima da carnificina, a música é interrompida com um grito de dor e muitos requintes de maldade. Resultado: um pianista e seus dedos dilacerados. É a tortura. O mais irônico João lembra, é que “meses antes Amadeu tinha salvado a vida de Mendez”.

Atônito com tudo que ouve, Raimund sente que precisa saber mais sobre o jovem Amadeu. A resposta poderia estar com o Padre Bartholomeu (Christopher Lee).

Raimund: - “João Eça me disse que o senhor enterrou Amadeu de Prado. Foi aqui que Amadeu estudou?”.

*Passei 1922 dias no Liceu em que meu pai me colocou. Era a escola mais rígida de todo o país. No terceiro dia, percebi que tinha de contar os dias para não ser esmagado por eles.*

Padre Bartholomeu: - “Amadeu o aristocrata e Jorge, um garoto da classe trabalhadora”.

E na rígida escola, em esconderijos debaixo de velhas tábuas empoeiradas, os jovens encontram Jean Paul Sartre, Karl Marx, Henry Miller.

Estamos no passado de Amadeu e Jorge.

Amadeu extasiado com as joias literárias encontradas, diz para Jorge: - “Meu Deus, se nos vissem com esses livros!”.

Padre Bartholomeu: - “Amadeu teria sido infeliz em qualquer lugar que estivesse. Nunca brincava com os colegas, nunca se soltava. Exceto uma vez. Ninguém jamais esqueceu essa vez”.

Ele se refere ao discurso de formatura dos alunos, que aconteceu na igreja da escola, cujo orador foi o, então, tímido Amadeu. Tenso com a chegada do pai, ele hesita, mas Jorge diz ao amigo: - “Qual é a nossa religião? A lealdade. E nossos valores? A verdade, acima de tudo. Fique olhando para mim, dará tudo certo”.

Com a palavra, Amadeu de Almeida Prado:

*Não gostaria de viver num mundo de catedrais. Preciso da beleza e grandiosidade delas fazendo frente às cores sujas das fardas. Gosto das palavras fortes da bíblia. Preciso da alegria de sua poesia. Preciso disso para fazer frente à decadência da língua e à ditadura de slogans inúteis. Mas há outro mundo no qual não quero viver. Um mundo onde o pensamento independente é depreciado e as coisas que mais apreciamos são denunciadas como pecado. Um mundo onde nosso amor é exigido por tiranos, opressores e assassinos. Onde, absurdamente, as pessoas são incentivadas pelo púlpito a perdoar essas criaturas e até a amá-las. É por essa razão que não basta ignorar a Bíblia. Temos de jogá-la fora de vez, pois só fala de um Deus vaidoso e hipócrita. Em Sua onipresença, Deus nos vigia dia e noite. Toma nota dos nossos atos e pensamentos. Mas o que é um homem sem segredos? Sem pensamentos e desejos que só ele conhece? O nosso Senhor Deus não considera que nos rouba a alma com a sua curiosidade? Uma alma que deveria ser imortal. Mas quem, de verdade, iria querer ser imortal? Que tédio saber que o que acontece hoje, este mês, este ano, não importa! Nada teria importância. Ninguém aqui sabe o que seria viver eternamente. E é uma benção nunca sabermos. Uma coisa eu garanto. Este eterno paraíso da imortalidade seria infernal. É a morte, e somente a morte que dá a cada momento beleza e horror. Apenas pela morte o tempo ganha vida. Por que Deus não sabe disso? Por que nos ameaça com uma eternidade que só pode ser insuportavelmente vazia? Não*

*gostaria de viver num mundo sem catedrais. Necessito do brilho dos vitrais, da sua fresca imobilidade, do seu imperioso silêncio. Preciso da santidade das palavras, da grandiosidade da boa poesia. Na mesma proporção, preciso da liberdade de me revoltar contra tudo o que é cruel neste mundo, pois um não é nada sem o outro. E ninguém pode me obrigar a escolher.*

Padre Bartholomeu: - “Todas aquelas pessoas e outras vieram ao enterro dele. Ele morreu no Dia da Revolução, então todos levavam cravos vermelhos. Não me atrevi a dizer nenhuma palavra sobre Deus e sobre o que Amadeu chamava de ‘Suas Promessas Vazias’. Mas me permiti uma palavra religiosa: Amém”.

Na ocasião do enterro:

Pai de Amadeu: - “Eu tinha muito orgulho dele”.

Adriana: - “E por que nunca disse a ele, pai?”

Silêncio.

Padre Bartholomeu: - “Até hoje não sei que segredos uniam aqueles dois, Amadeu e Jorge, e o que tinha a ver com Amadeu”.

Raimund sente que Adriana ainda tem muito a dizer.

Raimund: - “Eu sei o que ele teve, um aneurisma, está no livro”.

Adriana: - “Como se vive assim? Sabendo que uma veia pode se romper e inundar seu cérebro de sangue? Só soube depois, ao encontrar os textos dele. Ele nunca disse a ninguém”.

Com afeto e emoção, a irmã lembra a vida, dos princípios éticos que norteavam o jovem Amadeu médico, do dia em que salvou o carrasco Mendez e as consequências desse feito sobre ele, a população e seu amigo Jorge.

Raimund: - “A vida dele, o mundo dele, de Amadeu era extraordinário, faz o meu parecer insignificante”.

E a misteriosa mulher que ousava guardar todos os nomes e endereços proibidos? Será que ela, Estefânia (Mélanie Laurent), encerraria a busca pessoal de Raimund? Ela completaria a tríade composta pelos três amigos?

João conta a Raimund que Estefânia, “aquela que sabia tudo, a que tinha os contatos” era a motivo de seus dedos dilacerados: - “Foi por isso que me pegaram para chegar até ela”.



Ele lembra como Amadeu a conheceu, no amor que aconteceu entre eles e na luta contra os fascistas. E ainda havia um novo sentimento que separaria Amadeu e Jorge para sempre: o ciúme, agora havia entre eles e Estefânia.

No dia seguinte, Raimund procura Adriana. A empregada quer entender tamanha insistência do professor: - “Por que desenterrar o passado?”

Raimund: - “Quero saber como era ser o Amadeu”.

Compreendendo ou não a profundidade dos sentimentos de Raimund, a empregada acaba contando como Amadeu salvou a vida da irmã, fala de sua relação tempestuosa com Estefânia e como ela se sentia em débito com o irmão, assim como Rui Mendez, ambos deviam suas vidas a Amadeu: - “Todos sabiam que a clínica era fachada para a Resistência, mas a polícia nunca fez nada, devido a dívida de gratidão que Mendez tinha com Amadeu”, ela diz.

Haveria, ainda, o amargo desfecho de Jorge, Amadeu e Estefânia. E essas informações, apenas uma pessoa as teria: Jorge.

Agora Raimund parte em busca do homem. Quem seria ele hoje?

Nas andanças de Raimund, seu ponto fraco, sua fragilidade, sempre esteve presente: o ardor e o sentimento inquieto de um homem que ainda deseja ser amado.

Raimund e a médica durante um jantar “romântico”, porque não?: - “Se Jesus tivesse sido morto na guilhotina rezaríamos diante de uma lâmina brilhante. Ou se tivesse sido eletrocutado nos ajoelharíamos diante de uma cadeira”.

Médica: - “Mas dá mesmo para fazer isso? Saber como é ser outra pessoa, sem ser? É possível imaginar como é ser essa outra pessoa?”.

Raimund: - *A imaginação é nosso último refúgio*, Amadeu escreveu. E também: *A intimidade é nosso último refúgio*. Acho que minha mulher me deixou porque me achava chato.

Todas as associações que Raimund faz entre sua vida e a de Amadeu reforçam, a cada momento, sua intensa necessidade de busca.

E quando alguém quer encontrar, lá está: Jorge (Bruno Ganz) vivo, velho e trabalhando como farmacêutico. Seria ele, hoje, um homem comum? Quais as marcas deixadas por um passado de Resistência e abandono?

Amadeu formou-se médico e Jorge, farmacêutico. Ambos graduados pela Universidade de Coimbra. Uma amizade interrompida pela súbita aparição de Estefânia: - “Achei que parte da beleza dela passaria para mim”, ele lembra, ainda com olhos marejados.

Jorge pergunta a Raimund: Você já esteve apaixonado, a ponto de nem a comida, nem as palavras importarem?

Mas é exatamente esse ardor que movimenta o professor de latim. “Pelo menos, na vida, sei que sofri e me rasguei por amor, sentindo cada carícia na carne. Mesmo que toda essa alegria e dor sejam silenciosas, caladas e eternas”. Palavras dele? Já nem sei mais, se ele ou eu.

Jorge: - “Sabe, católicos não aprovam o suicídio, disseram, na época, que ele ficou doente durante anos. Após a morte de Amadeu o pai tomou, de uma única vez, todos os analgésicos receitados pelo filho”.

A morte o libertaria da dor, do que poderia ter sido e não foi? Nunca saberemos.

Jorge conta a Raimund que Estefânia ainda está viva e trabalha como professora de história na Universidade de Salamanca. Assim, novamente, ele segue, em companhia da médica, rumo à Espanha, o que representaria o fim de sua busca.

Como o ciclo da busca pulsa a cada instante, eis que surge a jovem, Catarina, a mulher do casaco vermelho, aquela que o levou a Lisboa, a história de Amadeu, a ele, Raimund.



Sim, ela é uma Mendez, neta do carneiro de Lisboa. Catarina tomou conhecimento de quem realmente era o avô no dia de sua morte. Mas como viver sabendo que se tem no sangue a crueldade e a dor do mundo? - “Eu o adorava. Levará um tempo, mas aprenderei a viver com isso”, ela confessa.

Raimund agora sabe que o encontro com sua sombra e com o mundo de Amadeu chega ao fim.

Já na Espanha, Raimund encontra Estefânia (Lena Olin): “Entrei para a resistência depois que o meu pai foi preso em 1971, por sabotagem. Ele foi enviado para Tarrafal, também conhecido como ‘o campo da morte lenta’. Eles levaram dois anos para matá-lo. Então, conheci Jorge, eu precisava de alguém forte que me protegesse. Achei que isso fosse amor, aí conheci Amadeu. Quando o conheci uma nova luz iluminou tudo, toda a minha vida”.

No encontro de almas, se reconhece a intensidade do amor imediatamente. É como se disséssemos: “É você? Aquele há muito esperado?” É como se abrissemos a porta e a luz do sol entrasse, radiante, quente, quase queimando carne e espírito.

Estefânia: - “Ele resistiu ao nosso amor e o Jorge...passei a odiar o Jorge.” Ela lembra da ironia de ter sido salva justamente pelo carrasco de Lisboa, aquele



que devia a própria vida à Amadeu que o salvou da morte e do linchamento pela população.

Amadeu, apaixonado, em seu último encontro com Estefânia pede, implora:

- "Vamos embora daqui, pegamos um navio para a Amazônia, para um novo mundo, onde só você e eu existimos. Escreverei meus livros, inventaremos uma nova língua, que só você e eu entenderemos. Subiremos o rio, até onde ele nos levar. De volta no tempo e para o futuro até o começo do fim".

Estefânia: - "E o que eu vou fazer?".

Amadeu: - "Você compartilhará tudo comigo. O mesmo ar, as mesmas sensações, os mesmos gostos".

Estefânia: - "Essas coisas que deseja são para você, não para mim".

Amadeu: - "Desejo para nós dois".

De volta ao presente ela conta à Raimund o quão desproporcional eram os desejos de Amadeu: - "Ele estava faminto por mim e pela vida. Mas a viagem que queria fazer era para sua própria alma não para a minha".

Estefânia: - "Não posso fazer isso, Amadeu. Você quer mais do que eu poderia te dar. E não estou preparada. Sinto muito. Tenho um amigo em Salamanca. Pode me levar lá?".

Fim de caso: Amadeu a leva para Salamanca, aperta sua mão, lhe deseja boa sorte e vai embora.

Na despedida, Raimund deixa com Estefânia seu bem mais valioso: o livro "Um Ourives das Palavras" de Amadeu de Almeida Prado.

Assim se encerra o passado de Amadeu. Estefânia lê:

*Deixamos algo de nós para trás ao deixar um lugar. Permanecemos lá, apesar de termos partido. E há coisas em nós que só reencontraremos ao voltar. Viajamos ao nosso encontro quando vamos a um lugar onde vivemos parte de nossa vida por mais breve que tenha sido.*

E na estação de Trem de Lisboa, Raimund, o velho professor de latim se despede da médica. Ele vê o trem e diz: - "É o meu. Bem, ainda temos 5 minutos. Obrigado por me dizer que não sou chato. Mas pensando na vida deles, Amadeu, Estefânia e dos outros, sinto vidas cheias de vitalidade e intensidade".

Médica: - "Foi o que os separou?"



Raimund: - “Mas eles viveram. Enquanto a minha vida...tirando esse últimos dias...”

Médica: “E é para isso que você voltará. Por que não fica?”

Será que precisamos saber como terminará essa história? Amadeu diria que a resposta talvez esteja no acaso, naquele que comandará o desfecho de nossas vidas, o protagonista para bem e/ou para o mal.

Vale pegar o próximo trem...

*Data de recebimento: 18/7/2014; Data de aceite: 13/8/2014.*

---

**Luciana Helena Mussi** – Engenheira, Psicóloga e Mestre em Gerontologia pela PUC/SP. Doutoranda em Psicologia Social PUC/SP. Colaboradora do Portal do Envelhecimento. Associada do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (Olhe). E-mail: [lucianahelena@terra.com.br](mailto:lucianahelena@terra.com.br)